

Crenças de senso comum sobre medicamentos genéricos vs. medicamentos de marca: Um estudo piloto sobre diferenças de género (*)

MARIA JOÃO FIGUEIRAS (**)
DÁLIA MARCELINO (**)
MARIA ARMANDA CORTES (**)
ROB HORNE (***)
JOHN WEINMAN (****)

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos verificou-se um aumento progressivo da divulgação e comercialização dos medicamentos genéricos em Portugal. Segundo os dados do Infarmed o uso destes fármacos aumentou 22% entre Janeiro e Outubro do ano de 2006 (Infarmed, 2006). Estes aspectos têm implicações no sector da saúde, nomeadamente no que se refere à pou-

pança dos utentes, pois torna-se uma opção mais barata. Apesar da relevância do aspecto económico (custo) na escolha e compra de um medicamento, alguns estudos realizados noutros países indicam que 20 a 30% dos consumidores acreditam que os genéricos são menos seguros e menos eficazes que os medicamentos de marca (Ganther, Kreling & David, 2000). Por outro lado, o crescimento do consumo destes medicamentos em Portugal pode traduzir um aumento da aceitação destes fármacos e uma menor percepção do risco associado à sua utilização, quer em leigos ou em profissionais de saúde. Em termos da população em geral, existem crenças de senso comum acerca da eficácia e segurança dos genéricos, que poderão condicionar a escolha do medicamento no momento da compra, na medida em que esta é influenciada pelas características individuais, crenças subjectivas sobre o tratamento e representações da doença do consumidor (Figueiras, Marcelino & Cortes, 2007). Estas crenças existem independentemente da experiência directa com uma doença, podendo influenciar os

(*) Projecto Financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ref.: POCI/PSI/60745/2004.

Agradecimentos: Os autores agradecem à Doutora Margarida Rebelo, Investigadora Auxiliar do Núcleo de Ecologia Social (LNEC) – Lisboa, pelos comentários e sugestões sobre a análise de dados.

(**) Unidade de Investigação em Psicologia da Saúde, Instituto Piaget – Campus Universitário de Almada, Portugal.

(***) Centre for Health Care Research, University of Brighton, United Kingdom.

(****) Institute of Psychiatry, Kings College, United Kingdom.

comportamentos relacionados com a saúde (Figueiras & Alves, 2007).

Nesta perspectiva, o indivíduo é um agente activo na escolha dos cuidados de saúde, o que tem implicações nas decisões sobre o seu próprio tratamento (Horne, 1999). Segundo este autor (Horne, 2003, cit. in Figueiras, 2006), as crenças sobre o tratamento em geral e sobre os medicamentos em particular são influenciadas pelas crenças sobre a doença em causa e sobretudo pela percepção de gravidade desta. Neste sentido, as crenças sobre o tratamento de uma doença desenvolvem-se de acordo com os modelos de senso comum sobre a doença, e com as expectativas sobre a eficácia e necessidade desse tratamento (Horne, 1999).

No âmbito da Psicologia da Saúde os “modelos de senso comum” da doença e do tratamento são um ponto de partida para analisar e compreender os comportamentos dos indivíduos, nomeadamente nos aspectos associados à percepção dos sintomas, às reacções ao diagnóstico, e à escolha e adesão ao tratamento. Estes modelos são idiossincráticos e estão constantemente a ser actualizados em função das experiências anteriores de doença, de influências do meio sócio-cultural, nomeadamente dos *mass media*, informações trocadas com elementos da rede de apoio social ou mesmo com os profissionais de saúde (Figueiras, 2006). Esta interacção de factores pode promover a construção de percepções subjectivas sobre diferentes aspectos relacionados com as doenças e o tipo de medicamentos disponíveis. As preocupações com a medicação podem traduzir uma reacção emocional de medo e ansiedade diminuindo assim a adesão ou influenciando a escolha de um certo medicamento (Horne, 2003).

A percepção dos sintomas pode incentivar o uso dos medicamentos, reforçando a crença na necessidade. Contrariamente a ausência de sintomas graves pode dar origem a dúvidas sobre a necessidade de tratamento. Os sintomas podem aumentar o nível de preocupação sobre o tratamento, se estes forem interpretados como efeitos secundários (Leventhal *et al.*, 1987, cit. in Figueiras, 2006).

No caso específico dos medicamentos genéricos alguns estudos têm demonstrado que as percepções de eficácia e segurança no uso dos genéricos podem depender da condição médica que está a ser tratada. Os consumidores percebem os medicamentos genéricos como tendo mais riscos que os de marca, tendo assim expectativas que os genéricos provocam

mais efeitos secundários e possam ser menos eficazes no tratamento (Ganther, Kreling & David, 2000).

Num estudo anterior (Carroll, Wolfgang, Kotzan & Perri, 1988) os resultados indicaram que os doentes estavam informados sobre o que era um medicamento genérico, tinham tido experiências positivas com o uso destes e consideravam-nos com uma qualidade igual aos medicamentos de marca. No entanto estes doentes tinham menos probabilidades de tomarem este tipo de medicamentos no caso de a doença ser crónica ou grave. Neste estudo, as decisões acerca de não tomar medicamentos genéricos parecem derivar do medo de prejudicar a saúde, que aumenta com a percepção de gravidade da doença. Estes resultados indicam que parece ser a percepção de doença e não a percepção acerca do medicamento que determina o seu uso. Verifica-se ainda que a maioria dos consumidores tinham confiança em tomar medicamentos genéricos de venda livre, no entanto apenas metade tinham confiança em tomar um medicamento genérico prescrito. Este aspecto pode indicar que a aceitação do genérico está relacionada como a percepção do risco associado ao genérico e este risco parece estar associado à gravidade da doença (Carroll *et al.*, 1988).

De acordo com Britten (1994) uma atitude positiva face aos medicamentos genéricos não se traduz num aumento do uso destes. O estudo de Carroll *et al.* (1988) encontrou resultados no mesmo sentido, referindo que existe uma discrepância entre crença e comportamento, o que não reflecte necessariamente uma atitude positiva face aos medicamentos genéricos. Os consumidores sentiram-se confiantes tomando genéricos desde que a sua bioequivalência fosse atestada por um profissional habilitado. No entanto, apenas 60% acreditou na possibilidade de tomar estes medicamentos, ou de utilizá-los para os seus familiares.

Nos últimos anos e como resultado do aumento da informação disponível, a população tem ideias mais concretas sobre o que é um medicamento genérico e sobre a sua equivalência em relação às marcas conhecidas. No entanto, os indivíduos estão mais habituados a receberem uma prescrição de um medicamento de marca, cujo nome pode já ser conhecido, ou por experiências anteriores, ou por indicação de terceiros. Um estudo recente refere a importância do nome do fármaco em termos dos significados implícitos e explícitos dos nomes de marca (Macedo, Moital, Santos, Nunes, Baños, & Farré, 2007). Os autores referem ainda a possi-

bilidade de o nome gerar confusão em virtude da sua ortografia e fonética, contribuindo para eventuais erros no uso dos medicamentos. Por outro lado, nomes comerciais que possam fazer alusão aos efeitos ou indicações do fármaco podem potencializar os efeitos placebo. Estes aspectos relacionam-se com as crenças individuais sobre a medicação.

Existem estudos que referem que os indivíduos têm crenças sobre os medicamentos em geral, assim como sobre medicamentos prescritos para doenças específicas (Conrad, 1985; Morgan & Watkins, 1988). No entanto, e no que se refere aos medicamentos genéricos este aspecto está pouco explorado no contexto português. A literatura refere que a atitude dos consumidores face aos medicamentos genéricos varia de acordo com a etnia, nível de escolaridade, idade, percepção do risco, conhecimentos e experiência passada (Gaither, Kirking, Ascione, & Welage, 2001). Diversos estudos têm referido que as mulheres apresentam com mais frequência, mais intensidade e diversidade de queixas somáticas e sintomas que os homens (Alves, 2004; Ihlebaek, Ericksen, & Ursin, 2002; Ladwing, Marten-Mittag, Formanek, & Dammann, 2000; Eriksen, Ihlebaek, & Ursin, 1999). Num estudo realizado por Alves (2004) os resultados indicaram que as mulheres não só avaliam a sua saúde como sendo pior que os homens, como procuram, em média, mais vezes o médico independentemente de ser o médico de família, o especialista ou ambos. Num estudo recente (Figueiras, Marcelino, & Cortes, 2007), verificou-se que apesar de não existirem diferenças de género em relação às crenças gerais e específicas sobre medicamentos genéricos, existiam diferenças em termos do nível de escolaridade e do grupo etário. Indivíduos mais velhos e com menos escolaridade têm crenças mais negativas sobre os medicamentos genéricos. Este estudo avaliou crenças da população em geral, não particularizando a sua aplicação a nenhum contexto de doença.

Neste sentido, parece-nos oportuno investigar (1) em que medida, o nome da doença pode influenciar a crença sobre o uso de medicamentos (genéricos e de marca) em indivíduos saudáveis, e (2) a existência de eventuais diferenças de género associadas às crenças sobre a medicação para doenças específicas.

MÉTODO

Desenho

Foi utilizado um plano factorial misto 2 x 4 x 2 com medidas repetidas em três variáveis dependentes, onde diferentes prescrições foram apresentadas para as mesmas doenças: dois medicamentos (genérico e marca), quatro doenças (gripe, amigdalite, asma e angina de peito), e sexo (masculino/feminino) através da utilização de *vignettes*.

Participantes

A amostra foi constituída por indivíduos saudáveis da população em geral, de ambos os sexos, com idades superiores a 18 anos, e recrutados aleatoriamente em diferentes contextos. O único critério de inclusão estabelecido foi que os participantes soubessem ler e escrever, visto tratar-se de um questionário de auto-preenchimento.

Procedimento

Os questionários anónimos foram aplicados pelas assistentes de investigação, que os entregaram em mão e recolheram após o preenchimento. A participação foi voluntária.

Medidas

Os participantes preencheram um questionário constituído por questões de caracterização socio-demográfica (idade, sexo e escolaridade) e três questões para avaliar as crenças de senso comum sobre a medicação prescrita para diferentes doenças. Os nomes de doença apresentados foram a gripe, a amigdalite, a asma e a angina de peito. As respostas foram medidas numa escala de Likert de cinco pontos, variando entre *discordo plenamente* (1) e *concordo plenamente* (5). Os três itens para cada doença foram os seguintes:

1. Em que medida concorda com esta prescrição?
2. Acredito na eficácia deste medicamento para esta doença.
3. Acredito que o alívio dos sintomas será mais rápido se tomar um medicamento genérico/ /marca (conforme o tipo de prescrição).

Análise

Efectuou-se uma análise de variância com medidas repetidas, com três variáveis dependentes (crenças de senso comum acerca da prescrição para diferentes doenças); duas variáveis sujeitas (o tipo de prescrição: genérico/marca), e os nomes das doenças (gripe, amigdalite, asma, angina de peito), e um factor inter-sujeitos (sexo).

RESULTADOS

Características da Amostra

Participaram no presente estudo 144 indivíduos, 54% (n=78) pertencem ao sexo feminino, com uma média de idades de 27 anos (sd=8.5), compreendidas entre os 18 e 56 anos. No que se refere à escolaridade, cerca de 70% dos indivíduos têm o ensino secundário completo.

Em que medida concorda com esta prescrição?

Existe um efeito de interacção dupla entre a doença e o tipo de medicamento ($F(3, 15.8)$, $p < .001$; *observed power* = 0.99). Os participantes concordam com a prescrição do medicamento genérico para todas as doenças, no entanto esta concordância diminui significativamente à medida que a gravidade da doença aumenta (Tabela 1). Verifica-se que existe também um efeito principal do tipo de medicamento (Genérico $M=3.8$; Marca $M=3.4$; $F(1, 14.2)$; $p < .001$; *observed power* = 0.96), o qual indica que existe uma crença mais forte no medicamento genérico do que no medicamento de marca. Apesar de não ter sido encontrado um efeito de interacção tripla significativo entre o tipo de doença, o tipo de medicamento e o sexo dos participantes ($F(3, 1.84)$; $p = 0.14$), os contrastes planeados entre o medicamento genérico e o medicamento de marca em cada doença e para homens e mulheres em separado, mostraram que os homens têm uma crença mais forte nos genéricos para a gripe do que nos

TABELA 1
Médias da doença vs. tipo de medicamento

Em que medida concorda com esta prescrição?				
	Gripe	Amigdalite	Asma	Angina de Peito
Genérico	4.04	3.71	3.71	3.69
Marca	3.24	3.37	3.46	3.47

Acredito na eficácia deste medicamento para esta doença.				
	Gripe	Amigdalite	Asma	Angina de Peito
Genérico	4.01	3.89	3.72	3.61
Marca	3.84	3.85	3.83	3.82

Acredito que o alívio dos sintomas será mais rápido se tomar um medicamento genérico/marca.				
	Gripe	Amigdalite	Asma	Angina de Peito
Genérico	2.46	2.61	2.60	2.57
Marca	2.17	2.50	2.50	2.62

FIGURA 1
Em que medida concorda com esta prescrição?
Masculino (n=66)

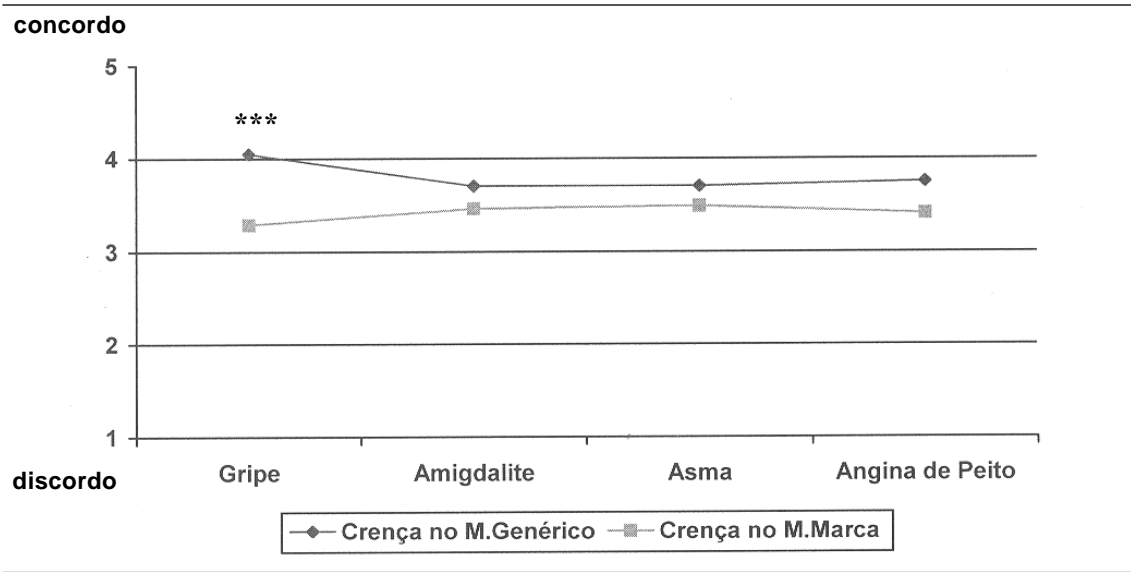
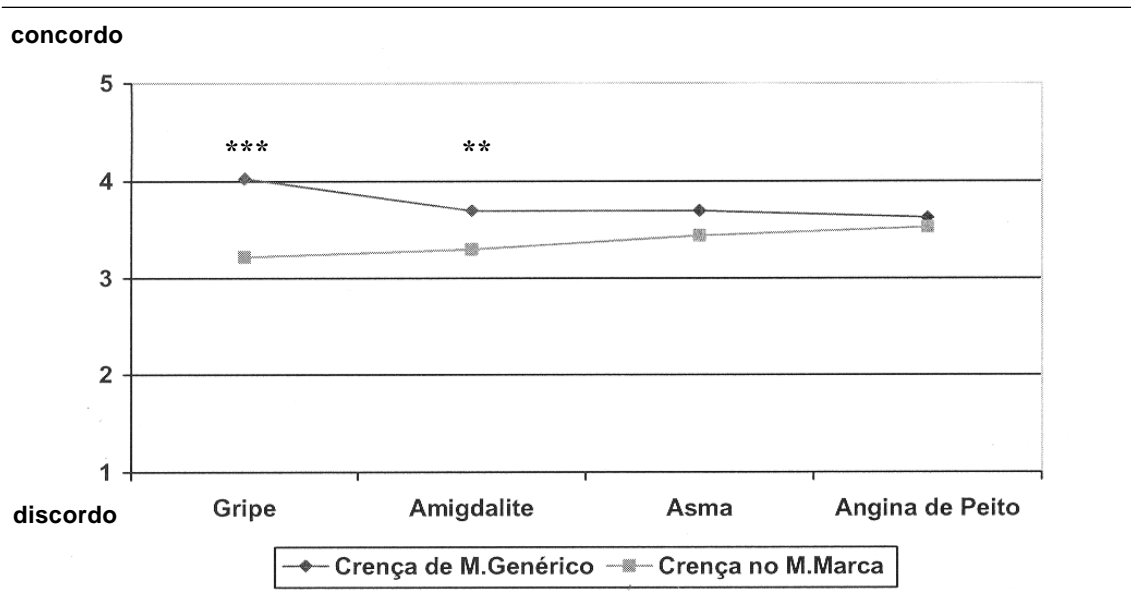


FIGURA 2
Em que medida concorda com esta prescrição?
Feminino (n=78)



medicamentos de marca, enquanto que as mulheres apresentam uma crença mais forte nos genéricos para a gripe e amigdalite (Figura 1 e 2).

Acredito na eficácia deste medicamento para esta doença

Os resultados indicam também que existe uma interação entre a doença e o tipo de medicamento ($F(3, 8.3)$; $p < .001$; $observed\ power = 0.99$), sendo que a crença na eficácia do medicamento genérico diminui significativamente para doenças consideradas mais graves (Tabela 1), e um efeito principal da doença (Gripe $\bar{M}=3.9$; Amigdalite $\bar{M}=3.9$; Asma $\bar{M}=3.8$; Angina de Peito $\bar{M}=3.7$; $F(3, 9.0)$; $p < .001$ $observed\ power = 0.99$). Apesar de não ter sido encontrado um efeito de interação tripla significativo entre o tipo de doença, o tipo de medicamento e o sexo dos participantes ($F(3, 0.55)$; $p = 0.65$), os contrastes planejados entre o medicamento genérico e o medicamento de marca mostraram que os homens têm uma crença mais forte na eficácia

nos genéricos para a gripe do que na eficácia dos medicamentos de marca para aquele tipo de doença. As mulheres apresentam uma crença mais forte na eficácia dos medicamentos de marca para a asma e a angina de peito do que na eficácia dos medicamentos genéricos, para aquelas doenças (Figuras 3 e 4).

Acredito que o alívio dos sintomas será mais rápido se tomar um medicamento genérico/marca

Existe um efeito de interação dupla entre a doença e o tipo de medicamento ($F(3, 5.7)$; $p < .001$; $observed\ power = 0.94$) no que se refere ao alívio rápido dos sintomas. A crença no medicamento genérico diminui significativamente à medida que a gravidade da doença aumenta (Tabela 1). Verifica-se também um efeito principal do sexo (Masculino $\bar{M}=2.6$; Feminino $\bar{M}=2.4$; $F(1, 4.7)$; $p < .05$; $observed\ power = 0.57$), da doença (Gripe $\bar{M}=2.3$; Amigdalite $\bar{M}=2.6$; Asma $\bar{M}=2.5$; Angina de Peito $\bar{M}=2.6$; $F(3, 12.2)$; $p < .001$; $observed\ power = 0.99$) e do medicamento (Genérico $\bar{M}=2.4$; Marca $\bar{M}=2.6$; $F(1, 14.0)$; $p < .001$; $observed\ power = 0.96$). O nome da doença influencia a crença sobre o alívio

FIGURA 3
Acredito na eficácia deste medicamento para esta doença
Masculino (n=66)

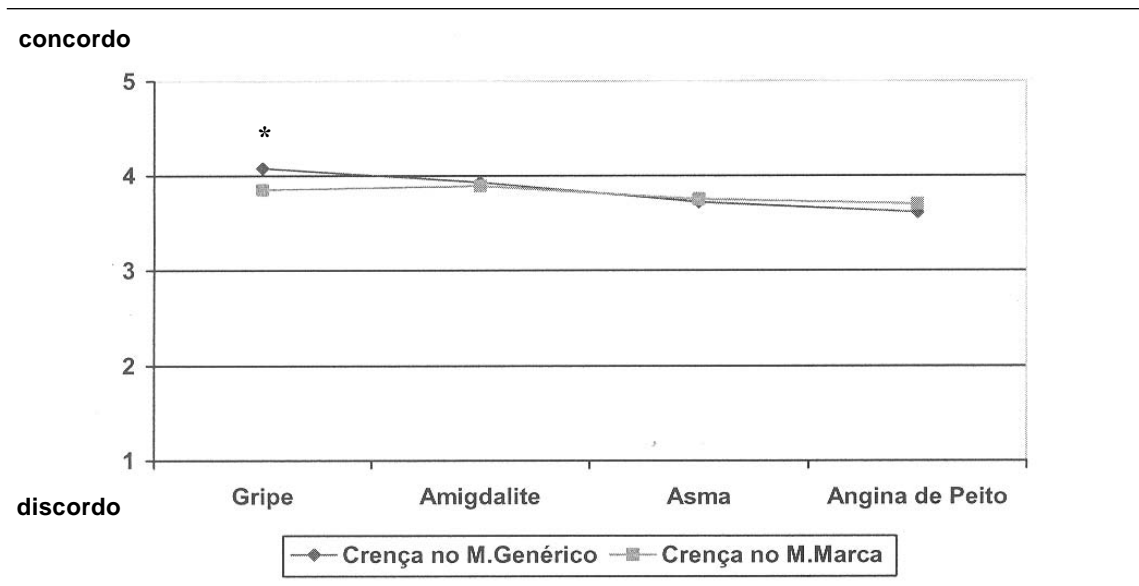


FIGURA 4
Acredito na eficácia deste medicamento para esta doença
Feminino (n=78)

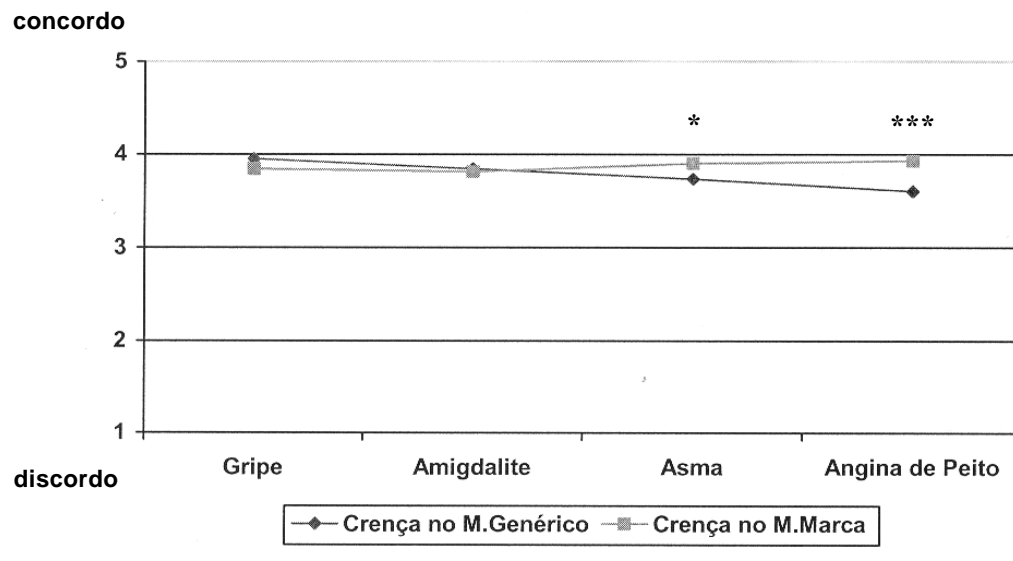


FIGURA 5
Acredito que o alívio dos sintomas será mais rápido se tomar um medicamento genérico/marca
Masculino (n=66)

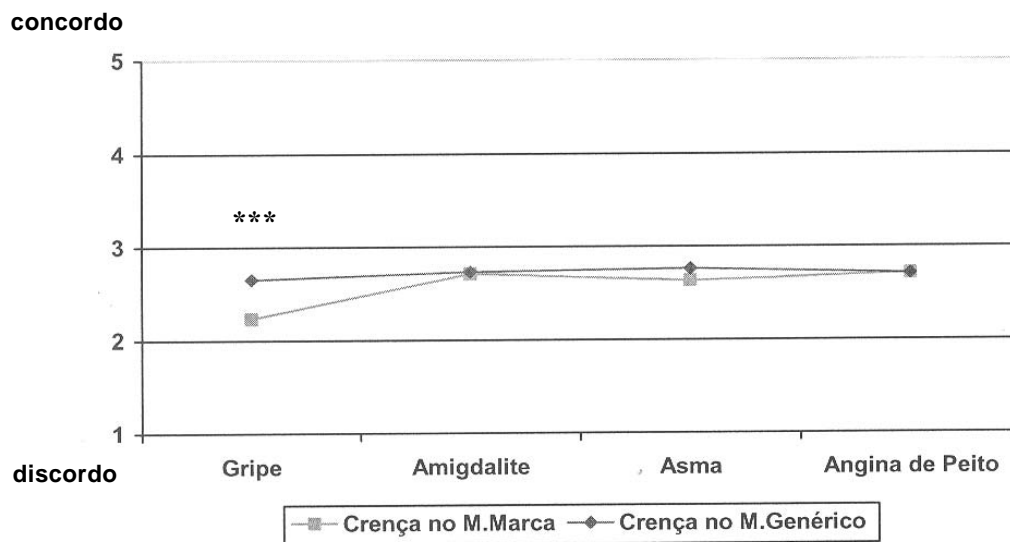
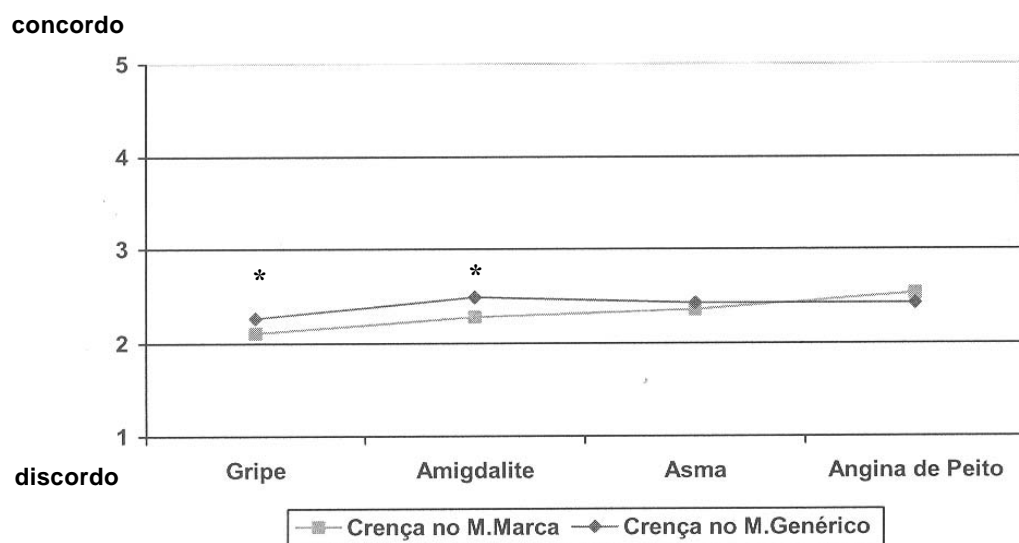


FIGURA 6
Acredito que o alívio dos sintomas será mais rápido se tomar um medicamento genérico/marca
Feminino (n=78)



dos sintomas. A crença no alívio dos sintomas utilizando um medicamento de marca é mais forte para doenças consideradas mais graves. Finalmente, encontramos um efeito de interação tripla entre o tipo de doença, o tipo de medicamento e o sexo dos participantes ($F(3, 2.5); p < .05; \text{observed power} = 0.62$). Os contrastes efectuados entre a crença no alívio dos sintomas em função do tipo de medicamento para ambos os sexos mostraram que os homens têm uma crença mais forte nos medicamentos genéricos no alívio dos sintomas da gripe, enquanto que as mulheres apresentam uma crença mais forte nos medicamentos de marca no alívio dos sintomas da gripe e da amigdalite (Figuras 5 e 6).

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objectivo investigar em que medida o nome da doença pode influenciar a crença sobre a utilização de medicamentos em homens e mulheres. Tratando-se de um estudo piloto, e dada a escassez de literatura específica sobre este tema, a discussão reveste-se de um carácter exploratório.

De forma geral, os resultados indicam que o grau de concordância com o uso do medicamento genérico diminui significativamente à medida que a gravidade da doença aumenta. Este resultado vai no mesmo sentido de estudos anteriores (e.g. Gaither *et al.*, 2001), em que os consumidores que percebiam a doença como mais grave apresentavam uma menor probabilidade de aceitar uma prescrição de um medicamento genérico.

Por outro lado parece existir uma forte concordância com a prescrição do medicamento genérico. Estes resultados sugerem que os indivíduos têm uma atitude positiva em relação ao medicamento genérico, apesar deste tipo de fármacos ter uma implementação recente no nosso país, no contexto de cuidados de saúde não hospitalares. Um aspecto que poderá ter contribuído para este resultado foi a utilização de questionários de auto-preenchimento, que poderá ter promovido a desejabilidade social, no sentido de os indivíduos responderem em conformidade com aquilo que consideram ser as respostas esperadas. No entanto, um estudo recente sobre as crenças de senso comum relacionadas com os medicamentos genéricos, revelou que os partici-

pantes possuem um nível de conhecimento satisfatório no que se relaciona com aspectos de equivalência (princípio activo, utilização, nomenclatura e custo) (Figueiras *et al.*, 2007). Este nível de conhecimento pode ser o resultado da crescente informação disponível nos media, sendo o custo um dos factores que parece atrair mais a atenção dos consumidores no que se refere à escolha deste tipo de fármacos (Ganther & Kreling, 2000; Gaither *et al.*, 2001). Os mesmos autores salientam a importância deste aspecto para a redução dos custos da saúde, e referem estudos anteriores em que foi encontrada uma relação significativa entre baixo custo e baixa qualidade do ponto de vista dos consumidores. No presente estudo, o nível de concordância com a prescrição do medicamento genérico pode ser interpretado como a aceitação de alternativas aos modelos tradicionais de prescrição. No entanto, a crença no alívio dos sintomas utilizando genéricos segue o mesmo tipo de padrão de resposta do nível de concordância, e o da crença sobre a sua eficácia, o que sugere que se os indivíduos concordam é porque acreditam na sua acção ao nível da eliminação de sintomas.

Verificam-se contudo diferenças de género que nos parecem relevantes discutir a título exploratório. No que respeita ao grau de concordância sobre a prescrição de medicamentos genéricos, existem diferenças significativas no que se refere ao uso de genéricos para a gripe, onde os homens apresentam uma crença mais forte do que as mulheres. No entanto, as mulheres apresentam um maior grau de concordância com o uso de medicamentos genéricos para a amigdalite, o que sugere a possibilidade de esta doença ser percebida como uma doença menos grave e semelhante a gripe. No que diz respeito à eficácia do medicamento genérico, também se verificam diferenças de género, em que os homens apresentam uma crença mais forte nos medicamentos genéricos para a gripe, enquanto que as mulheres apresentam uma crença mais forte nos medicamentos de marca para a asma e a angina de peito.

De forma geral, os homens associam o uso do medicamento genérico a doenças que consideram menos graves, enquanto que as mulheres associam a utilização do medicamento de marca a doenças percebidas como mais graves. Este resultado pode ser interpretado pelas diferenças de género reportadas na literatura no que se refere à inten-

sidade de queixas e avaliação da saúde, assim como à procura de cuidados médicos por parte das mulheres (Alves, 2004; Macintyre, Hunt, & Sweeting, 1996). Este tipo de queixas e procura de cuidados médicos pode ser influenciado pela percepção da gravidade da doença. Este aspecto pode ter um papel importante, na aceitação do medicamento genérico, na medida em que quando os consumidores percebem a doença como grave têm menor probabilidade de aceitar um medicamento genérico (Gaither *et al.*, 2001). Por outro lado, a experiência de sintomas, a auto-avaliação da saúde, o nível de preocupação com a saúde e o comportamento relacionado com a mesma, são preditores da utilização dos serviços de saúde durante longos períodos de tempo (Green & Pope, 1999), essencialmente nas mulheres. Estas, tendem a reportar mais sintomas e doenças menos graves, o que poderá estar relacionado com a escolha da medicação e a crença na eficácia da mesma para o alívio dos sintomas. Este aspecto pode contribuir para explicar algumas diferenças de género encontradas no presente estudo no que se refere às crenças sobre os medicamentos, e levanta questões sobre eventuais diferenças em relação ao consumo de medicamentos, à sua escolha e formas de utilização em homens e mulheres.

No âmbito da Psicologia da Saúde os efeitos de género têm sido largamente investigados nas últimas décadas. O padrão de resultados é complexo e diversificado, e requer re-examinação periódica (Macintyre *et al.*, 1996). Estes autores argumentam que as diferenças de género têm origem nos papéis sociais e estão em mudança permanente.

No presente estudo, os resultados devem ser interpretados com alguma precaução, tendo em conta que se trata de um estudo piloto. Apesar do seu carácter exploratório, e da ausência de literatura específica sobre este tema em Portugal, este estudo levanta questões importantes no que se relaciona com aspectos subjectivos relacionados com a escolha e uso de medicamentos, o que pode ter implicações para a saúde em geral e para a adesão a regimes terapêuticos. No contexto do uso de medicação para doenças específicas, estes resultados deverão ser objecto de um maior aprofundamento.

REFERÊNCIAS

- Alves, N. (2004). *Diferenças de género na utilização de serviços da saúde. O papel das queixas subjectivas e das preocupações sobre efeitos da modernidade na saúde*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Britten, N. (1994). Patients' ideas about medicines: a qualitative study in a general practice population. *The British Journal of General Practice*, 44, 465-468.
- Carroll, N. V., Wolfgang, A. P., Kotzan, J. A., & Perri, M. (1988). Consumers attitudes and actions towards generic drugs. *Journal Pharmacie Market and Manage*, 2 (4), 87-99.
- Conrad, P. (1985). The meaning of medications: another look at compliance. *Social and Science Medicine*, 20, 29-37.
- Eriksen, H. R., Ihlebaek, C., & Ursin, H. (1999). A scoring system for subjective health complaints (SHC). *Scandinavian Journal of Public Health*, 27 (1), 63-72.
- Figueiras, M. J. (2006). Psicologia da Doença vs. Psicologia da Saúde: a relevância dos modelos de senso-comum. In I. Leal (Coord.), *Perspectivas em Psicologia da Saúde* (pp. 99-116). Coimbra: Quarteto.
- Figueiras, M. J., & Alves, N. C. (2007). Lay perceptions of a serious illnesses: An adapted version of the Revised Illness Perceptions Questionnaire (IPQ-R) for healthy people. *Psychology and Health*, 22 (2), 143-158.
- Figueiras, M. J., Marcelino, D., & Cortes, M. A. (2007). Medicamentos genéricos: Crenças de senso comum da População Portuguesa. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, 23, 43-51.
- Gaither, C. A., Kirking, D. M., Ascione, F. J., & Welage, L. S. (2001). Consumers' views on generic medications. *Journal of the American Pharmaceutical Association*, 41 (5), 729-736.
- Ganther, J. M., & Kreling, D. H. (2000). Consumer Perceptions of Risk and Required Cost Savings for Generic Prescription Drugs. *Journal of the American Pharmacist Association*, 40 (3), 378-383.
- Green, C. A., & Pope, C. R. (1999). Gender, psychosocial factors and the use of medical services: a longitudinal analysis. *Social Science & Medicine*, 48, 1363-1372.
- Horne, R. (1999). Patients' beliefs about treatment: the hidden determinant of treatment outcome? *Journal of Psychosomatic Research*, 47 (6), 491-495.
- Horne, R., & Weinman, J. (1999). Patients' beliefs about prescribed medicines and their role in adherence to treatment in chronic physical illness. *Journal of Psychosomatic Research*, 47 (6), 555-567.
- Horne, R. (2003). Treatment perceptions and self-regulation. In L. Cameron, & H. Leventhal (Coord.), *The self-regulation of health and illness behaviour* (pp. 138-153). London: Routledge.
- Ihlebaec, C., Eriksen, H. R., & Ursin, H. (2002). Prevalence of subjective health complaints (SHC) in Norway. *Scandinavian Journal of Public Health*, 30 (1), 20-29.
- Infarmed Notícias (2006). *Mercado de genéricos cresceu 22 por cento*. www.infarmed.pt
- Ladwing, K. H., Marten-Mittag, B., Formabek, B., & Dammann, G. (2000). Gender differences of symptom reporting and medical health care utilization in the German population. *European Journal of Epidemiology*, 16 (6), 511-518.
- Macedo, A., Moital, I., Santos, M. J., Nunes, S., Baños, J.-E., & Farré, M. (2007). Nomes de Fármacos – uma escolha aleatória ou um efeito placebo. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, 23, 57-61.
- Macintyre, S., Hunt, K., & Sweeting, H. (1996). Gender differences in health: Are things really as simple as they seem? *Social Science & Medicine*, 42 (4), 617-624.
- Morgan, M., & Watkins, C. J. (1988). Managing Hypertension: beliefs and response to medication among cultural groups. *Social Health Illness*, 20, 29-37.

RESUMO

O presente estudo avaliou em que medida o nome da doença pode influenciar a crença sobre o uso de medicamentos (genéricos e de marca) em indivíduos saudáveis, e (2) a existência de eventuais diferenças de género associadas às crenças sobre a medicação para doenças específicas. Participaram neste estudo 144 indivíduos saudáveis (54% mulheres) que completaram um questionário constituído por *vignettes* em que diferentes prescrições (genérico/marca) foram dadas para a mesma doença. Foram utilizados quatro nomes de doença: gripe, amigdalite, asma e angina de peito. Os resultados indicam que existem efeitos de interação entre tipo de medicamento e doença. Os participantes concordam com a prescrição do medicamento genérico para todas as doenças, no entanto esta concordância diminui significativamente à medida que a gravidade da doença aumenta. Verificaram-se ainda diferenças de género em relação à crença na eficácia dos medicamentos genéricos para as diferentes doenças. Os homens associam o uso do medicamento genérico a doenças que consideram menos graves, enquanto as mulheres associam a utilização do medicamento de marca a doenças percebidas como mais graves. Apesar do seu carácter exploratório, este estudo levanta questões importantes no que se refere a aspectos subjectivos relacionados com a escolha e uso de medicamentos, o que pode ter implicações para a saúde em geral e para a adesão a regimes terapêuticos.

Palavras-chave: Crenças, medicamentos, doenças, género.

ABSTRACT

The aim of this analogue study is to investigate whether presenting different illness scenarios about prescriptions, using different labels, has different effects upon lay beliefs about the use of generic or brand medicines, as well as gender differences on these beliefs. One hundred and forty four healthy adult participants (54% females), completed a self-administered questionnaire, using a vignette methodology, in which different prescriptions (generic vs. brand) were given for the same label. Four different illness labels were used: flu, tonsillitis, asthma, and angina.

There were main effects of the label and the type of prescription upon some of the dependent variables. There

were stronger views about prescribed brand medicines for all the labels. There were interactions between label and type of medicines. More serious labels were associated with a lower belief in the efficacy of generic medicines. There was a stronger belief in generic medicines for symptom relief for flu, whereas there was a weaker belief in generic medicines for symptom relief for angina. There were significant gender differences in general beliefs about the use of generic vs. brand medicines. These preliminary findings raise some interesting questions concerning the concordance with prescriptions, and may have an influence on beliefs about the efficacy of generics for different illness labels, as well as important implications for adherence to treatment.

Key words: Lay beliefs, medicines, illnesses, gender.